

Falar da formação de professores no Modelo Integrado, como é o de Aveiro, é assim um pouco difícil, sobretudo para quem tem distanciamento em relação a este modelo. Há 10 anos que se foram tentando várias experiências, e há 10 anos que não se fez ainda avaliação de nenhuma destas experiências, primeiro ponto. Um segundo ponto é que, como disse a Inês, as Faculdades de Letras não assumiram, não têm assumido até aqui, explicitamente, a formação de professores, [...] as Faculdades ou as Universidades ditas novas; eu não falo das novas, falo da de Aveiro, porque na do Minho não sei o que se passa; é que os professores, sobretudo do departamento de Línguas, Literatura e Culturas, também na sua grande maioria não assumiram que estão a formar professores, daí que é só uma questão de uma terminologia por Universidades Novas. Mas de facto não aparece, quer nas discussões para formação curricular, quer nas discussões a nível já da componente pedagógica, não se vê que haja preocupação dos professores da área, ou das áreas que dizem respeito ao Departamento de Línguas, dita na Universidade de Aveiro, da formação específica, para evitar a formação científica, porque as Ciências da Educação reivindicam-se também de formação científica, portanto o termo "científica" aqui é muito ambíguo, de maneira que a formação específica fica para as Ciências da Educação.

Não assumem, portanto, a formação de professores, daí que haja repetição. Em quatro cadeiras de Literatura Portuguesa, por exemplo, a época medieval é dada em duas cadeiras repetidamente, quer dizer, uma no 2º ano e uma no 4º ano. E os alunos podem sair especialistas em Literatura Medieval, saberem todo o problema do tempo para a frente e do tempo para trás, um auto de Gil Vicente, mas o que não sabem é ensinar Gil Vicente. Isto é um problema que se dá em relação às Universidades Novas, e isso liga-se ao problema da contratação de docentes, tal qual existe nesta altura, em que a nota de classificação da licenciatura é o primeiro parâmetro de entrada, pelo menos naquela universidade. A Universidade é no fundo um sistema de reprodução de modelos que cada um traz de fora, isto a nível da licenciatura, porque já se importaram também doutoramentos normalmente feitos no estrangeiro, o que é uma reprodução de modelos do estrangeiro. Eu dou um exemplo tirado das Ciências da Educação, em que há um entendimento da didáctica, da cadeira de didáctica, como meramente instrumental, no sentido mais anglo-saxónico; e a didáctica mais continental, a da língua francesa, é mais

entendida como uma linguística aplicada. Mas quando se fala de linguística aplicada às pessoas da didáctica, termo de linguística tira-lhes o fôlego e, se não estão divorciadas, estão pelo menos muito zangadas.

O modelo da formação tem uma componente das ciências da educação, uma componente da área específica de que eu vou só citar um exemplo, um ano que é importante, ou dois anos que são importantes, o 3º e o 4º ano, no último semestre; no segundo semestre do 3º ano, e no primeiro semestre do 4º ano há duas cadeiras das ciências da educação que são Didáctica Geral e Avaliação e Didáctica do Português. Essa Didáctica do Português coexiste com outra cadeira do mesmo semestre que é Tecnologia Educativa. No segundo semestre do 4º ano existe também uma Didáctica do Francês, uma Didáctica da Língua Estrangeira, só em termos de unidades de crédito. Toda a gente sabe da reestruturação das áreas de crédito que corresponde, digamos, à carga horária e à distribuição de teóricas e práticas a oito créditos e meio, nos mesmos semestres. No segundo semestre do terceiro ano e primeiro semestre do 4º ano, existe uma cadeira que não é entendida porque se reivindica de dois campos, a Estilística, da Linguística ou da Literatura mas, de qualquer modo, eu sem reivindicar nenhum dos campos, a Estilística com duas unidades de crédito e a História da Língua Portuguesa com duas unidades de crédito, portanto temos quatro unidades de crédito, em termos de valor para oito créditos e meio para um ano terminal, em que os alunos numa formação integrada já têm, portanto, cadeiras das Ciências da Educação desde o 1º ano.

Nós não podemos dizer se o modelo integrado deste modelo de Formação de Professores é bom ou mau, porque nunca foi avaliado, portanto estaremos a dizer que os professores do Departamento de Línguas e Literatura têm demasiada ciência da educação, porque os alunos vêm dizer que aprendem coisas que não lhes serve para nada, ou o contrário, não pode ser avaliado assim; tem de ser avaliado com um inquérito que se faça, um questionário que se faça aos estagiários que foram entrando na sua profissionalização.

Segundo aspecto, a contratação dos professores. As Universidades Novas, com este modelo de formação não têm capacidade de 'auto-financiamento' de pessoal docente e quando têm capacidade de autofinanciamento [...] Suponham que nós agora pretendíamos contratar alguém para ensinar Linguística na Universidade de Aveiro; se fosse um aluno da Universidade de Aveiro ele queria, no máximo, no máximo, e isto já é reivindicando para o campo da Linguística, a Estilística e a Teoria do Texto (são cadeiras de ou em vista da Linguística) 230 horas durante o curso todo contra 320, aqui na Faculdade de Letras. Ora bem, esta compo

nente é muito limitada para que um professor possa dizer que vai dar Linguística. O que acontece normalmente é que a Universidade de Aveiro, com este modelo de formação, se autofinancia em professores do Departamento de Ciências da Educação e não professores do Departamento de Línguas, ou seja, quando é preciso contratar um professor para a Didáctica do Português, do Inglês, Didáctica Geral, para Avaliação, enfim, para todas as cadeiras da Tecnologia Educativa, vai-se possivelmente buscar, ou concorrem indivíduos que se licenciaram, fizeram o estágio, licenciaram-se na Universidade de Aveiro e que entram. Acha-se normal que entrem pelo Departamento de Ciências da Educação, já não se acha normal que entrem para o Departamento de Línguas. Então há aqui uma espécie de contradição: formamos pessoas suficientes para ensinarem a um determinado nível, mas incapazes, com uma incapacidade definitiva, de ensinarem na Universidade, logo o tipo de formação, base desta contradição, deve ser posto em causa também.

Um outro problema que se liga à contratação dos professores, é que eles são contratados para dar as cadeiras que estão vazias e cada um dá, não os conteúdos de formação, que deveriam constar minimamente do perfil de um professor do ensino secundário, mas dá a área da sua especialidade. Pode acontecer, e já aconteceu, que os alunos ao longo do 1º, 2º e 3º ano, até ao 3º ano, tiveram em cadeiras diferenciadas três versões diferentes do alfabeto fonético. Isto é só um exemplo. Não há portanto coordenação. Isto não tem a ver com o modelo integrado, tem a ver já com uma prática do modelo integrado, com as pessoas concretas que o realizam, que o põem em execução; é o problema da falta de coordenação e de orientação. Também nunca foi discutido quais eram os conteúdos de formação mínimos no perfil, a nível científico e no que diz respeito à Linguística, e que deveriam ser dados aos alunos.

Outro problema é que existem cadeiras de Linguística Portuguesa I, II e III. Que peso poderão ter estas cadeiras face à Introdução aos Estudos Linguísticos, à cadeira propedéutica do 1º ano, e até que ponto se pode dar a Linguística Portuguesa. Quando os alunos não sabem a Linguística Teórica? Portanto os alunos não têm a Linguística Teórica, e supostamente terão dado a Introdução aos Estudos Linguísticos, que é o ano de entrada em que não se sabe bem como chegam nem como estão, e vai-se dando, independentemente do público que está presente. Ora bem, isto é uma Universidade dita de Formação de Professores, e até agora ainda não fez o perfil do público. É capaz de falar muito na Didáctica das Línguas Estrangeiras, na análise das necessidades de um público, mas não fala, não faz essa própria análise em relação aos formando que tem consigo.

Um outro problema que se levanta em relação ao estudo da Linguística, é o divórcio total entre as cadeiras ditas de Formação Específica de Linguística, dada num departamento, Departamento de Línguas, e as cadeiras ditas de Pedagogia ou da Didáctica das Línguas, que são dadas por docentes de outros departamentos. Como não há comunicação, ou se evita a comunicação por falarmos talvez linguagens diferentes, acontece que as pessoas sabem pouco o que é que os alunos vão fazer na Didáctica do Português, por exemplo, e o que é que se entende por Didáctica do Português, ou Didáctica do Francês.

A Formação Científica dos nossos alunos, neste modelo de formação, nós não sabemos qual é. Só sabemos que os conteúdos estão nos programas, e enfim porque houve aprovação veicularam certamente esses conteúdos. Nós podemos partir do princípio que eles são pelo menos competentes naquele perfil ou naquelas áreas que abordaram. Acontece que nós temos uma coisa que a Faculdade de Letras não tem, que é o "Feed-Back". Eles chegam ao último ano, ao 5º ano, e vão fazer o estágio, estágio esse que é integrado. Têm também juntamente com o estágio um seminário de opção, podem escolher uma Literatura, uma cadeira das Ciências da Educação, etc. Até agora também, pela política da contratação dos professores, isso já a nível institucional, normalmente não se abrem vagas para ensinar Linguística; abrem-se vagas para as áreas das Literaturas, que também podem dar Linguística, mas depois, logo transitam, vão fazer o mestrado, pelo menos aqueles que entram como assistentes, na área da Literatura, etc., e deixam o Departamento de Linguística isolado, com uma relação de um professor para 130 alunos, em três cadeiras, enquanto os professores de Didáctica, como são consideradas aulas teóricas ou práticas, têm uma relação de um para 30 alunos no máximo. Enquanto, por exemplo, nas cadeiras de Português, Latim no curso de Português, Latim e Grego, Formação de Professores, há uma relação de um professor para três alunos, principalmente na Língua Grega ou na Língua Latina.

Bom, este é um ponto. Quando se chega ao estágio não há nenhum seminário de Linguística oferecido aos alunos, porquê? Porque não há possibilidade de oferecer um seminário de Linguística por professores que já têm 130 alunos, repetidos não numa cadeira, mas em duas cadeiras, porque ainda por cima temos uma estrutura semestral, que é um dos outros problemas, que eu não queria tocar. Uma estrutura semestral que é um bocado absoluta, porque não se pode fazer avaliação contínua, tiradas todas as vantagens da avaliação semestral, com 130 alunos, o que é praticamente impossível. O que há é uma repetição de testes ou frequências, (eu gosto de dizer frequências, que era o termo que utilizava quando andava aqui), de exames parcelares e depois um exame final, e depois prova repescada, essas coi

sas todas; portanto o professor passa a vida a ver testes e não faz mais nada.

Em relação ao "feed-back" é um problema para o qual há saída. Os professores do secundário, quando nós lá vamos vemos que os alunos têm um estágio com um orientador da escola do ensino secundário e um orientador da Universidade, e em princípio, em vez de um orientador da Universidade têm dois, têm um das Ciências da Educação e um da área específica. Eu pergunto-me o que é que faz o orientador da área específica, neste caso o professor de linguística que vai oferecer aulas de Português. Se o aluno já tinha sido seleccionado positivamente por toda a sua passagem pela Universidade, nas cadeiras onde passou, já obteve aprovação e eu vou reprovar esse aluno no estágio porque ele diz asneiras científicas? Mas se ele foi seleccionado até ali por não dizer asneiras científicas! Em relação ao saber fazer pelo estágio das Ciências da Educação, há um outro problema que se liga ao professor, agora concretamente à prática do professor de linguística. O professor de linguística não pode matar um coelho, dois coelhos, com uma cajadada, ou seja, se vai assistir às aulas de Português não pode avaliar a formação específica em Francês, e isto quer dizer que se eu dirigir um estágio de Português, se tiver o núcleo também de Francês desses mesmos alunos, tenho que assistir a quatro aulas, por exemplo, de um aluno, e depois assistir a quatro aulas desse mesmo aluno em Francês. Mas o professor do Departamento de Ciências de Educação pode matar um coelho, ou dois, ou dois ou mais, porque pode assistir a uma aula de Francês, e se ele tiver jeito para falar francês observa como ele fala francês, e se põe as mãos nos bolsos para falar francês. Eu estou a dizer isto porque de facto magoa-me muito que não tenha sido feita a avaliação e acredito no modelo de Formação Integrado, mas também acredito que são precisos reajustamentos e porque há problemas, quando se diz que o modelo é assim, as pessoas pensam que são as pessoas que estão em causa e não é isso. Eu acredito que há cadeiras que podem ser necessárias, mas, por exemplo, não é no estágio que o aluno vai aprender Linguística, mas é no estágio que o aluno pode aprender a organização e gestão escolar. Dar-lhe uma cadeira de organização e gestão escolar na Universidade, ainda primeiro que outra formação científica que ele poderia e devia ter na Universidade, é estar, no fundo, aí sim, a criar espaços de frustração em que o aluno é obrigado a aprender uma gestão que já não é a de escola.

O "feed-back", finalmente, para acabar. Os alunos não sabem nada. Alunos que saíram da Universidade de Aveiro, fizeram o estágio e estão agora a dirigir estágio, esses mesmos alunos dizem:

- Ah! Esses gajos agora saem da Universidade e não sabem Francês, não sabem Francês, não sabem Português,...

O que me espanta é sabendo eles tão pouco, nem 1% chumba no estágio. Chumba um num ano, que até nem chumba, é obrigado a desistir; e mais, é que há alunos que saem do estágio, Os professores do ensino secundário dizem:

- Não sabem Português, não sabem Francês. Mas eles saem do estágio com catorze e quinze valores. Porquê?

Pela parte que me diz respeito, a dos estágios do Ciclo Preparatório, os parâmetros enviados, (e aí está o problema da Linguística na Universidade e no Ministério), os parâmetros de avaliação que eles têm de preencher para aquele perfil todo, depois da avaliação, em termos de formação científica e específica, são cinco ou seis, face ao saber fazer que é todo um conjunto de coisas: "porque ele tem jeito, é bom rapaz, dá-se bem com o outro, não cospe para o chão...", quer dizer, tem tantas coisas que acaba por não saber Português efectivamente, mas está com catorze ou quinze. Ou então os professores do ensino secundário que nos dizem isso, dizem sem convicção e são mentirosos.

O papel da Linguística, portanto, na formação de "professores", nem ocupa um espaço muito pequeno. Não sei qual o espaço que deveria ocupar, sem fazer uma avaliação do que está a ser feito; possivelmente isto seria corrigido com cadeiras de opção, a sério, a partir de determinada altura, em que os alunos escolheriam as áreas da formação das Ciências da Educação ou da Formação Específica, Literatura, Didáctica da Literatura, Didáctica, fosse o que fosse, ou Metodologia do Ensino, fosse o que fosse, mas escolheriam para preencher as lacunas que sentissem.

Quando eu levanto um problema, levanto-o a mim e levanto-o aos outros. É que estou a ensinar, estamos aqui a ensinar; é de facto uma perspectiva do ensino a de poder formar professores desta cadeira. Logo os meus colegas me dizem que entendem ser isto uma simplificação, que no fundo - tu só queres ensinar aquilo que eles vão ser obrigados a dar no secundário, ou seja, o teu programa será o programa do ensino secundário - . Esta simplificação eu não a aceito, porque não foi isto que eu quis dizer.